

## 4 OLINDA E DESTRUICÃO: A INVASÃO HOLANDESA

“Olinda Holanda

Teus verdes olhos  
(estandartes do céu, do mal,  
Do mar de Olinda)  
Sacodes ferina a sina  
- secreto sobrado de minha solidão  
Transvestes o amor da cor  
Do mistério sem fim do canival.”

Romildo Gouveia Pinto<sup>1</sup>



**Figura 9 – “De Stadt Olinda Pharnambuco”<sup>2</sup>**

A frase impressa na Figura 9 — “Ataque a Pernambuco: a invasão de Olinda é tida como castigo divino” — tem uma explicação baseada nas narrativas que circularam por séculos, como relatos míticos e com conotação religiosa, para explicar a ocorrência da invasão

<sup>1</sup> PINTO, Romildo Gouveia. *Olinda Holanda*. São Paulo: J. Scortecchi, 1987. p. 43.

<sup>2</sup> Estampa e folheto holandeses, do Maritiem Museum, Rotterdam. ca. 1630. p. 329. Imagem parcial da invasão holandesa, com a esquadra batava em primeiro plano, ao longo da costa à direita Olinda e ampla visão da região. Fonte: SILVA, Leonardo Dantas. Olinda o castigo divino. *Revista Continente - Documento*, Recife, ano IV, n. 42, p. 18-19, 2006e. p. 18.

dos holandeses. Ela deveria ser entendida como punição para uma população orgulhosa, soberba, que vivia em luxo e pecado e promovia injustiças. Seria, portanto, um castigo divino. Lembramos a intensa religiosidade e a fé católica, que faziam parte da cultura portuguesa trazida na colonização do Brasil.

O cronista português frei Manuel Calado nasceu em Vila Viçosa, em 1607. Veio para o Brasil como pregador apostólico e aqui viveu cerca de 30 anos e lutou contra os holandeses durante a invasão de Pernambuco. Em sua versão sobre esses fatos, explica que Frei Antonio Rosado, da Ordem do Patriarca São Domingos, visitador do Santo Ofício, pronunciou, no púlpito, o sermão que prenunciava: “[...] de Olinda a Olanda não há aí mais que a mudança de um i em a, e esta vila de Olinda se há- de mudar em Olanda, e há- de ser abrasada por os holandeses antes de muitos dias; porque, pois, falta a justiça da terra, há- de acudir a do céu.”<sup>3</sup>

A descrição de Olinda feita por Frei Manuel Calado<sup>4</sup> evidencia o fausto, o luxo e a riqueza da vila no período anterior à invasão:

Quem se houvesse achado na vila de Olinda, cabeça da grande capitania de Pernambuco, e das demais da parte do Norte, antes que os Holandeses a ocupassem, e a tornasse a ver depois que nela entraram os Holandeses, e a renderam, sem muito parafusar, em breve alcançaria, que havia sobre ela caído a vara da divina justiça; a instância dos pecados em que estava enlodada. Era aquela república antes da chegada dos Holandeses a mais deliciosa, próspera, abundante, e não sei se me adiantarei muito se disser a mais rica de quantas ultramarinhas o Reino de Portugal tem debaixo de sua coroa e cetro. O ouro e a prata era sem número, e quase não se estimava: o açúcar tanto que não havia embarcações para o carregar, que com entrarem cada dia, e saírem de seu porto grandes frotas de naus, navios, e caravelas [...] O fausto, e aparato das casas era excessivo, porque por mui pobre, e miserável se tinha o que não tinha seu serviço de prata.

Se os detalhes desta riqueza é mito ou lenda, o importante é que Olinda se mostrava como uma das mais prósperas vilas e era o centro de toda a vida financeira, política e religiosa da região, sendo, inclusive, a sede da Capitania de Pernambuco, onde residiam as famílias mais endinheiradas. Assim repetia o fausto que existia em Lisboa, cujos costumes foram trazidos para a nova terra. Para isso, a produção do açúcar era indispensável, como podemos constatar nas descrições a seguir:

Olinda era a primeira em tudo, sobretudo em riqueza, tanto que se falava até em fechaduras de prata usadas nas portas, pelo menos de suas principais residências, talvez mais um exagero de sua notória *vaidade*. Mas se não era tanto era quanto, pois as baixelas ou serviços de mesa desse metal foram notadas e registradas em cartas dos jesuítas.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> CALADO, Frei Manuel. *O valoroso lucideno*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987. p. 480.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>5</sup> CAVALCANTI, 1986, p. 311, grifo nosso.

Olinda, cabeça da capitania de Pernambuco, nobre em moradores, famosa em templos e edifícios, próspera e rica dos bens da fortuna, venturosa em seus sucessos, opulenta com os navios que chegavam a seus portos de tantas províncias concorriam, porém afiada e contaminada com pecados, de senhora que era, veio a ser cativa e escrava de hereges holandeses, que a puseram em mísero estado, destruindo e pondo por terra e finalmente queimando seus templos e soberbos edifícios, sem escapar do incêndio mais que uma só casa como testemunha do divino castigo.<sup>6</sup>

Era, portanto, intenso o tráfego de navios entre Portugal e a Colônia, tanto levando a produção das riquezas naturais como trazendo o que a população precisava, inclusive artigos de luxo: “[...] com o contínuo aumento da produção e constante estimação do açúcar, a riqueza de Pernambuco crescia palpavelmente nos começos do século XVII e com ela o luxo dos moradores e a distenção moral.”<sup>7</sup>

Estas informações sobre a riqueza e estilo de vida da população de Olinda são importantes, por evidenciar sua maneira de ser, sua mentalidade, seu “orgulho” e a “ vaidade” por sua terra, ressaltados no capítulo anterior. Para os olindenses, os relatos sobre esta história antiga de sua cidade permaneceram na memória e no imaginário da população; são traços identitários que circulam entre as gerações. Por se tratar de uma das mais antigas cidades do país, pois Olinda já tem mais de quatro séculos de construída, é importante identificar as representações criadas sobre sua longa história nas narrativas construídas hoje pela memória dos olindenses.

Destacam-se também nos relatos as representações da cidade de Olinda em seu período colonial e, principalmente, a influência e as marcas que os portugueses colonizadores e os holandeses invasores deixaram e como isso foi transmitido pelas gerações. Apresentamos inicialmente as representações sociais trazidas por Alexandre Alves Dias, em seu depoimento sobre a história de Olinda, no qual fala dos ciclos de apogeu e declínio da cidade:

*Olinda sempre teve os seus momentos de ápice e de baixa, que vai começar com a ocupação holandesa, por que até então Olinda vinha subindo a ladeira aí dá uma quedinha, depois ela volta. Tem uma Olinda que é a história. Mesmo a gente não sabendo da importância que esta cidade tem, pois já foi capital da Capitania de Pernambuco, da Província de Pernambuco, e quando ela vai perdendo a importância para Recife é a partir do momento da invasão holandesa. Tem um outro lado que é intrinsecamente ligado à história dela que é: Por que ela existe? Por que ela é enladeirada? Por que ela tem bicas? Por que tem carnaval? Por que tem procissões? Tudo, mesmo que você não saiba do porque, mas tudo isso faz parte do seu dia-a-dia, da sua história.*

---

<sup>6</sup> SANTIAGO, 2004, p. 21.

<sup>7</sup> GUERRA, 1992, p. 31.

Interessante observar que nos ciclos descritos pelo depoente há uma importância atribuída ao período da invasão holandesa, que marca o início de uma nova fase para Olinda. Com a palavra, ainda Alexandre Alves Dias:

*Como Olinda passa por altos e baixos, ela tem estes ciclos, apesar deles estarem cada vez mais próximos. Eu acho que está se aproximando um novo ciclo, eu não sei quem é ou o que é que vai estimular. Apesar de como historiador ainda me atrever a fazer algumas previsões, eu não me detive nesse assunto com profundidade. Alguma coisa vai acontecer, espero que não seja um desastre tão grande, que faça breocar esse processo. Está chegando a hora da mudança, e essa curva está cada vez mais próxima. Antes do período holandês, ela tem aquela subida bem grande depois tem aquela queda, depois começa de novo a subir, quando voltam para a cidade os senhores de engenhos, Olinda continua lutando para que o centro administrativo volte para cá.*

Para ressaltar mais a idéia trazida pelos olindenses sobre a história de sua cidade, é importante o relato de outro depoente, que coincide com as informações passadas por Alexandre Alves Dias. São também marcados os períodos de crescimento e poder e os tempos de ostracismo e declínio que a cidade de Olinda vivenciou ao longo de sua história, como destaca André Renato Pina Moreira:<sup>8</sup>

*A cidade viveu várias fases, Olinda tem um histórico porque ela foi construída em 1535, cresceu e se desenvolveu com a produção do açúcar principalmente, e virou uma cidade próspera. A capitania de Pernambuco era a mais próspera, até a invasão holandesa, quando a cidade foi destruída e os holandeses se estabeleceram no Recife e construíram uma nova cidade. Por isso essa proximidade, essa coisa sui generis, até no Brasil, de você ter duas cidades assim muito próximas.*

*Olinda, a cidade mãe, e o Recife está ali bem próximo, a seis quilômetros de Olinda. Muita gente não entende isso, exatamente porque o Recife nasceu do porto de Olinda. Então, a partir daí, Olinda começou a ter a briga de poder com o Recife até que, pulando um bocado da história, em 1827, Olinda perdeu a condição de capital, perdeu o poder político e a partir daí Olinda passou a ser uma cidade eclesiástica e uma cidade de escolas, e a burguesia foi toda morar em Recife.*

---

<sup>8</sup> André Renato Pina Moreira, 53 anos, olindense, morador do Sítio Histórico, Arquiteto, Pesquisador, Mestre em Urbanismo e Especialista em preservação do patrimônio histórico, técnico da Secretaria de Patrimônio, Ciência e Cultura e Turismo de Olinda. Autor da Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano na UFPE, intitulada *Transformações dos espaços de habitação do Sítio Histórico de Olinda*, Recife, 2006, e de diversos trabalhos especializados sobre o tema.

O depoimento de Adilson de Almeida Vasconcelos revela como foram transmitidas, em sua infância, as informações sobre esta história e como apreendeu e o que lhe ficou na memória como representação sobre a história de Olinda:

*A história de Olinda foi-me passada no curso primário no Grupo Escolar Duarte Coelho, onde as professoras Dona Ivone, Dona Ercília, Dona Natália, Dona Maria do Carmo Cardoso se esforçavam para passar aos alunos o programa oficial. Elas ensinaram que o Brasil foi inicialmente governado pelos donatários das capitanias hereditárias, e o donatário de Pernambuco foi Duarte Coelho Pereira. Mas não me ensinaram o que significava “capitania”, nem “hereditário”, muito menos “donatário”. Ensinaram também que Olinda era muito rica devido ao açúcar que produzia.*

Hoje ainda está fortemente gravado na memória dos olindenses o período de ocupação holandesa, como demonstrado pelos depoimentos que apresentamos. Eis a ilustração de Olinda, seu povoamento e ocupação da região:



**Planta 2 – Planta esquemática da região de Olinda e Recife, com a presença das naus e do porto<sup>9</sup>**

<sup>9</sup> É a décima sétima carta do *LIVRO QUE DA REZÃO DO ESTADO DO BRASIL*, códice existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro. Sua data mais provável é 1626, período anterior à ocupação holandesa. Autor, João Teixeira Albemaz. Carta nº. XXII do Catálogo de Iconografia. Fonte: REIS FILHO, 2000, p. 74.

Esta história antiga é prenhe nas rememorações dos olindenses e em suas representações sobre a cidade de Olinda, conseqüentemente, em seus traços identificatórios.

Os portugueses e os holandeses estão fortemente presentes nas representações da memória e nos relatos dos olindenses até hoje. Vamos fazer um percurso pela História, para situar a relação e a importância do colonizador português e do invasor holandês nos aspectos culturais, religiosos, artísticos e arquitetônicos trazidos pelos depoentes e que marcaram fortemente a memória dos olindenses em relação à história da cidade de Olinda. Conseqüentemente, trazemos a representação construída por seus moradores nos dias atuais sobre sua cidade e transmitida pelas sucessivas gerações. Importante também é perceber o que a cidade guardou da presença dos portugueses e dos holandeses na região.

Para entendermos estes depoimentos orais, baseados na memória, inclusive a descrição do guia-mirim apresentada no primeiro capítulo, e que ainda hoje é falada aos turistas que visitam Olinda, temos que voltar no tempo e trazer a história da fundação da cidade e sua importância no cenário da própria história do país.

Na documentação histórica consultada sobre a invasão, pudemos perceber a opulência de Olinda e sua posterior destruição. Nas palavras do cronista português Diogo Lopes Santiago,<sup>10</sup> que vivia em Pernambuco na época e foi testemunha ocular das guerras contra os holandeses:

Olinda, cabeça da capitania de Pernambuco, nobre em moradores, famosa em templos e edifícios, próspera e rica dos bens da fortuna, venturosa em seus sucessos, opulenta com os navios que a seus portos de tantas províncias concorriam, porém afiada e contaminada com pecados, de senhora que era, veio a ser cativa e escrava de hereges holandeses, que a puseram em mísero estado, destruindo e pondo por terra e finalmente queimando seus templos e soberbos edifícios, sem escapar do incêndio mais que uma só casa como testemunha do divino castigo.

O que a historiografia nos traz sobre a economia da colônia e o papel que a vila de Olinda desempenhava neste contexto, e qual sua relação com a produção do açúcar? Foi Duarte Coelho quem também implantou em suas terras os primeiros engenhos de açúcar que começaram a produzir a partir de 1542. Isto foi determinante para todo o início do ciclo de riqueza e o apogeu que teve sua capitania, sendo o primeiro engenho denominado Salvador, de propriedade do próprio donatário e situado cerca de uma légua da Vila, nas várzeas do rio Beberibe.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> SANTIAGO, 2004, p. 21.

<sup>11</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630/1654*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo: EDUSP, 1975.

O segundo engenho de açúcar, denominado de Nossa Senhora da Ajuda, foi implantado em Pernambuco por Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, e localizado na região denominada Forno do Cal. Iniciou-se assim o que veio a ser a principal fonte de riqueza da capitania e principal produção agrícola da região e que se mantém em destaque até nossos dias.<sup>12</sup>

O fato de a Capitania de Pernambuco ter sido uma das que mais prosperou, trouxe também conseqüências muito sérias para os colonizadores e, principalmente, para a população de Olinda, que era o centro de todo esse movimento, porque gerou muita cobiça. Nesta época, desbancando o pau-brasil, a cana-de-açúcar se firmou como sua mais importante riqueza, porque era um produto muito valorizado na Europa, trazendo divisas importantes para a Coroa portuguesa. Interessava a Portugal sua manutenção e investimentos, para que os engenhos em Pernambuco fossem produtivos e o comércio de açúcar intensificado.<sup>13</sup>

A Planta 3, de Olinda, foi feita pelos holandeses em 1630.



**Planta 3 – Imagem sem título [Planta de Olinda]<sup>14</sup>**

<sup>12</sup> MELLO, E., 1975.

<sup>13</sup> MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*. Recife: CEPE, 2004a.

<sup>14</sup> Original manuscrito do Algemeen Rijkarchief, Haia. ca. 1630. p. 331. A planta da Vila de Olinda exhibe seu arruamento, suas fortificações e cercanias. À esquerda, o rio Beberibe. Fonte: REIS FILHO, 2000, p. 82.

Era grande a riqueza de Olinda, confirmada pela exuberância de suas igrejas, conventos, prédios e monumentos construídos com o melhor que poderia ser trazido de Portugal, em termos materiais e artísticos, e pelo grande número de residências ali edificadas. Além de templos, monumentos e de seu casario, nessa época, funcionavam em Pernambuco muitos engenhos, e seu número totalizava mais da metade do existente em todo o território brasileiro, como nos mostra o historiador José Antonio Gonsalves de Mello:<sup>15</sup>

O principal negócio de todo o Brasil consiste na cultura da terra e no estabelecimento dos engenhos. É notório que no ano de 1623 havia, entre o Rio São Francisco e o Rio Grande, nas Capitanias de Pernambuco e Paraíba, 137 engenhos moentes, os quais tinham produzido naquele tempo, somente para o dízimo, 70.000 arrobas de açúcar, sendo que 20 arrobas contam-se por uma caixa, no total, portanto, de 3.500 caixas de açúcar, as quais avaliadas em 300 florins cada caixa monta a 1.050.000 florins.

Entre os portugueses colonizadores e os nascidos no Brasil, a população de Olinda constava de nobres, funcionários, militares, religiosos, degredados<sup>16</sup> e índios, e se ampliou com a chegada dos africanos escravos. “Em 1583, existiam nas lavouras de cana e engenhos de açúcar cerca de 3000 africanos.”<sup>17</sup> Isso já revelava uma presença marcante dos escravos e o intenso tráfico estabelecido, o que se traduziu pela dependência de toda a manufatura do açúcar da mão-de-obra escrava, fato que perdurou por muitos anos no Brasil. A divisão da sociedade em senhores livres e escravos refletiu-se no modo de vida das vilas e cidades brasileiras e também nas construções erguidas tanto nas áreas urbanas como nas áreas rurais, com a presença das casas grandes e senzalas, como vimos no capítulo anterior, além dos aspectos já citados.

Sobre os degredados, a historiadora Janaína Amado<sup>18</sup> nos diz: “[...] o degredo tornava-se um excelente meio para cumprir ao mesmo tempo duas importantes tarefas: livrar o reino das pessoas indesejáveis, consideradas agentes de desestabilização social, e reutilizar essas mesmas pessoas para reforçar o poder luso sobre os espaços coloniais.”

Importante destacar aqui também a visão do próprio donatário Duarte Coelho sobre a presença dos portugueses que chegavam à colônia, e sua posição frente à Coroa, em relação aos degredados, conforme cita Janaína Amado<sup>19</sup>: “[...] são piores aqui do que a peste, peço a Vossa Alteza, pelo amor de Deus, que tal peçonha não me mande, porque é mais destruir o

<sup>15</sup> MELLO, J., 2004a, p. 19.

<sup>16</sup> Sobre este tema ver: AMADO, Janaína. *Terra boa, gente ruim: história e memória do degredo no Brasil*. *CLIO Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 24, p. 13-18, 2006.

<sup>17</sup> AZEVEDO, Thales. *Povoamento da Cidade do Salvador*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. p. 148.

<sup>18</sup> AMADO, op. cit., p. 17.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 21.

serviço de Deus e seu e o meu e de quantos estão comigo.” Destacamos também a visão dos colonos europeus, em relação aos indígenas, primeiros habitantes da região. Eram tidos como selvagens canibais. Eis como eram vistos os índios, a partir da descrição do historiador alemão Hermann Wätjen:<sup>20</sup>

É gente forte, de pele trigueira e cabelos longos e pretos. Homem e mulheres andam despídos. Quando vão para a guerra, os homens se enfeitam com penas de papagaio e de corvo. Como os animais nos campos, assim passam os seus dias. Os Tarairyouw são criaturas inteiramente ignorantes. Comem os seus mortos.

Em relação aos negros escravos, eram colocados em condição de objetos e tratados como “peças” e mercadorias, comercializados e muito valorizados, disputados pelos países como bens e mão-de-obra indispensável ao progresso das colônias.

Podia ser vendido como gado, trocado, alugado e empenhado; não podia pleitear em juízo, nem adquirir bens, nem contrair legítimas núpcias, não possuía família reconhecida perante a lei, nem mesmo tinha governo de seus próprios filhos [...] a fuga de escravos que se iam juntar aos negros que viviam como selvagens nas matas (quilombolas).<sup>21</sup>

Acompanhando o historiador pernambucano Evaldo Mello,<sup>22</sup> destacamos a importância dos aspectos psicológicos e identitários dos primeiros colonos do Nordeste do Brasil e de seus descendentes, os luso-brasileiros, como era a visão dos colonizadores europeus, altamente discriminatória sobre os “mazombos”,<sup>23</sup> pela importância deles no período de ocupação holandesa e sua posterior expulsão: “A concepção dominante no Brasil como na América espanhola, segundo a qual o natural da terra, por efeito do clima ou de outros fatores mesológicos, possuiria reduzida capacidade intelectual e moral, acusação que nas Índias de Castela deu origem à farta literatura.”

Toda a riqueza produzida pelo açúcar na colônia foi o estopim para que se desencadeasse ferrenha disputa que resultou numa sangrenta guerra entre os países europeus. A cobiça por suas riquezas naturais e o domínio das novas terras descobertas são fatos que os

<sup>20</sup> WÄTJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil*. Recife: CEPE, 2004. p. 401.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 401-402.

<sup>22</sup> MELLO, E., 2001, p. 47.

<sup>23</sup> “Mazombo S.m. Depreciativo 1. Indivíduo nascido no Brasil, de pais estrangeiros, especialmente portugueses. Adj. Sorumbático, macambúzio, mal-humorado.” FERREIRA, 1986, p. 1107.

“Mazombo – S.m. Uso pejorativo 1. filho de pais estrangeiros, sobretudo do português que, nasce no Brasil. Adj. e S. sentido figurado; 2. diz-se de indivíduo sorumbático, taciturno ou mal humorado. Etm. Orig. duv., segundo Nascentes; prov. Afri. Para J. M. Nei Lopes - iletrado, grosseiro, bruto, atrasado.” HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1873.

olindenses trazem gravados na memória e são transmitidos pelas sucessivas gerações até hoje, como nos mostraram os depoimentos citados.

#### 4.1 INVASÃO HOLANDESA

Vamos voltar no tempo, fazendo uma visita à Olinda colonial, pois é importante saber como era a vida no tempo da chegada dos holandeses e o que eles encontraram já estabelecido. Não podemos esquecer que já havia se passado um século desde a chegada dos portugueses à região, como vimos. Este foi um período de sofrimentos, batalhas e mortes e deixou marcas indeléveis na memória e no imaginário dos olindenses, reveladas em seus ditos e na tradição oral que perpassam as gerações e são expostos nos depoimentos e narrativas que veiculam a história contada da cidade de Olinda até hoje.

Podemos ressaltar que a pregnância dos fatos marcados na memória dos olindenses, sobre a invasão e o período de ocupação da cidade e sua posterior destruição com um incêndio, se manifestam como algo da ordem de uma *repetição*<sup>24</sup> e se constituiu como um *fato traumático* e uma *ferida narcísica*<sup>25</sup> para o orgulho do olindense, fato que não foi passível de *elaboração psíquica*<sup>26</sup> e se manifesta como uma repetição inconsciente. Isso é revelado pela impossibilidade de cicatrização das feridas emocionais, cujas manifestações são percebidas pelo intenso teor afetivo nas narrativas dos depoentes, ao descreverem esses acontecimentos.

Podemos pensar que não foi possível ao olindense elaborar o luto pelas terríveis perdas subjetivas vivenciadas pela população, que teve de abandonar sua cidade e seu modo

<sup>24</sup> Por *repetição* entende-se: “[...] processo incoercível e de origem inconsciente, em virtude do qual o sujeito se situa ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas, sem recordar o protótipo delas, senão ao contrário, com a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado no atual”. LAPLANCHE; PONTALIS, 1971, p. 71.

<sup>25</sup> Narcisismo, como conceito psicanalítico introduzido pelo psicanalista Sigmund Freud, em 1914, no seu texto *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, que significa os investimentos libidinais que o indivíduo faz em seu próprio eu e em sua auto-imagem, básicos para a identificação e a auto-estima do sujeito. Mecanismo fundamental nos processos mentais que organizam a subjetividade e as instâncias do Eu e dos seus Ideais. A *ferida narcísica* pressupõe a ausência disto ou, pelo contrário, quando situações traumáticas impedem o bom investimento libidinal em si mesmo e em sua auto-imagem, em função das perdas, como consequência promove fraturas em seus processos identificatórios e na sua auto-imagem e auto-estima, com graves consequências psíquicas. FREUD, 1974h.

<sup>26</sup> Por *elaboração psíquica* entende-se: “Termo usado por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com vistas a dominar as excitações que lhe chegam e cuja acumulação oferece perigo de resultar patógeno”. LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 104. Freud (1974d) aponta os mecanismos psíquicos necessários à elaboração dos traumas, para que possam ser superados pelos processos de esmaecimento natural da memória. Ver o texto *Lição XVIII, A Fixação ao Trauma – o Inconsciente*, onde apresenta sua idéia sobre o *trauma*. Idem, 1974i.

de vida e enfrentar um período prolongado de guerra, com muita destruição e morte. Por luto, devemos entender o mecanismo psíquico explicado por Sigmund Freud<sup>27</sup> em seu importante texto *Luto e Melancolia*, ao qual recorreremos frente às perdas, e o tempo necessário para o desinvestimento amoroso e libidinal em relação ao objeto perdido e aos novos investimentos e escolhas de objetos substitutivos.

Em Olinda, as perdas foram as referências mais importantes para as pessoas — seu lugar, sua casa da infância, sua cidade, seu mundo. Tudo transformado em cinzas! Foi um luto impossível de ser superado e elaborado, em função de seu aspecto traumático, que retorna como repetição das representações e de reminiscência, nos relatos dos moradores atuais da cidade. Essas perdas estão na memória dos moradores e são transmitidas oralmente às sucessivas gerações de olindenses, que a cultuam como parte não apenas da história de sua cidade, mas como parte de uma história vivida por toda a sua população e pelas pessoas individualmente.

As lembranças da invasão holandesa foram as que mais ficaram registradas na memória dos olindenses entrevistados. Esse trauma nos remete a Sigmund Freud,<sup>28</sup> que assim apresenta sua idéia a respeito desse termo:

Realmente, o termo “traumático” não tem outro sentido senão um sentido econômico. Aplicamo-lo a uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isto só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera e a incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso.

Esse é um dos mais importantes períodos da história de Olinda, não apenas por ser um de seus momentos de maior declínio, mas por ser o pior deles, quando a cidade foi invadida e totalmente destruída.

Passamos às lembranças de Ronaldo Guimarães de Almeida Filho sobre Olinda, pelo destaque dado à invasão holandesa:

*Guardo na memória sobre a história de Olinda tanta coisa, os holandeses, a invasão holandesa é uma coisa marcante para todo mundo que mora nesta cidade por que fascina. A história de Mauricio de Nassau, as construções que eles fizeram aqui, as descobertas que até hoje são feitas na cidade, eu gosto deste aspecto histórico dela. As primeiras informações sobre a História de Olinda na infância chegaram através*

<sup>27</sup> FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974j. (1917[1915]). v. XIV.

<sup>28</sup> Idem, 1974i, 325.

*da escola, através de livros, filmes. Esse tema eu sempre que posso, procuro pesquisar.*

Já Sueli Silva de Lima ressaltava a chegada dos holandeses, descrevendo o que, em seu imaginário, seria a riqueza de Olinda na época da invasão:

*As pessoas sempre me falam dos holandeses que queriam invadir Olinda, sempre me contam que quando eles vieram para invadir Olinda eles viam os anéis de ouro daquelas mulheres bem ricas e que eles chegavam tiravam o dedo, uma coisa horrível, só para tirar o anel.*

Adilson de Almeida Vasconcelos se reporta à história de Olinda que aprendeu em seus grupos sociais, na família e na escola, destacando o período da invasão holandesa:

*De acordo com a história ensinada, centrada em datas, heróis e mitos, os holandeses foram expulsos em 27 de janeiro de 1654. Eu decorei essa data porque morei muitos anos na Rua 27 de Janeiro, em Olinda. Ao serem expulsos, consta que incendiaram Olinda, e acho que apenas duas casas não foram destruídas: uma na Rua do Amparo e outra, na Rua 27 de Janeiro, esquina com a Praça da Preguiça. Nessa última minha mãe passou boa parte da infância dela. Só bem mais tarde fiquei sabendo que os holandeses que andaram por Pernambuco, no tempo de Maurício de Nassau, diferentemente dos portugueses ou espanhóis, que colonizavam em nome dos seus países (suponho), estiveram aqui por conta de uma empresa comercial: a Companhia das Índias Ocidentais. Então, eles deviam ter uma visão empresarial, comercial, diferente da ótica dos ibéricos, que construía igrejas e tentavam "salvar" as almas dos nativos.*

A invasão holandesa constituiu-se no fato histórico mais traumático da história da cidade, que podemos atribuir a uma grande *ferida narcísica*, imposta a todo pernambucano e olindense em particular, pelo fato de ter seu território não apenas ocupado, mas destruído pelo inimigo.

O Desenho 1 é ilustrativo da Vila de Olinda durante o período de ocupação holandesa, no século XVII. É importante por nos permitir acompanhar como foi se dando a ocupação da parte alta da cidade e os traçados das ruas que foram surgindo. Olinda sempre é ilustrada como uma região cercada e já aparecem as fortificações:



**Desenho 1 – Desenho que ilustra o livro de Johan Nieuhof<sup>29</sup>**

Com a ocupação pelos portugueses das novas terras e das riquezas daí advindas pela produção do açúcar, desde o século XVI, os holandeses haviam organizado a Companhia das Índias Orientais com o objetivo de comerciar e negociar com a região das Índias Orientais, visando a acesso às especiarias e a sua comercialização. Já no século XVII, resolveram também criar uma similar “A Companhia das Índias Ocidentais”, com o intuito de conquistarem e tomarem as terras produtivas que achassem interessantes, visando a expansão territorial e a ampliação dos lucros dos países capitalistas que compunham os Estados das Províncias Unidas dos Países Baixos Confederados:

Dessa forma, a experiência da velha Companhia das Índias Ocidentais (WIC) não é apenas a história do domínio ocidental sobre povos nativos colonizados, mas a história pela disputa de um mercado modelar, de cuja compreensão depende o entendimento e desdobramento de toda uma cadeia de exploração de mercados tropicais, via Atlântico.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> A planta esquemática de Olinda foi publicada primeiramente no livro de Gaspar Barlaeus (c. 1645) com o título de *Civitas Olinda*. Destaque para o istmo e o rio Beberibe, que a separam de Recife, dando uma idéia de como era Olinda no período da ocupação holandesa, no século XVII: presença de fortificações à beira do mar. Carta n.º. XXXIII, do Catálogo de Iconografia. Fonte: REIS FILHO, 2000.

<sup>30</sup> GALINDO, Marcos. *História do Brasil na Holanda. Continente - Multicultural* - CEPE, Recife, n. 1, p.28-33, jan. 2001. p. 33.

Era, portanto, uma organização com a finalidade comercial de gerar lucros e aumentar a riqueza de seus membros, numa visão totalmente capitalista. Vale retornar aqui ao tempo da ocupação batava, que se caracterizou por ser de intensa guerra. Durou 24 anos, sendo 16 de guerra e 8 de paz precária, com sucessivos ataques e perdas para ambos os lados. Em Pernambuco, os holandeses chegaram em fevereiro de 1630, fortemente armados e com uma esquadra em torno de 70 navios e quase 8.000 homens, como podemos observar no relato, pela ótica dos batavos, do capelão da esquadra invasora holandesa, Padre João Baers,<sup>31</sup> sobre a chegada e a tomada de Olinda:

Situada na terra do Brasil, na Capitania de Pernambuco, com máscula bravura e grande coragem tomada, e felizmente conquistada a 16 de fevereiro de 1630 pelo muito nobre, muito austero e magnânimo senhor Diederich van Waerdenburch, senhor de Lent, coronel de três regimentos de infantaria, sob o comando do muito varonil e esforçado herói naval, o senhor Henrick Lonck, general, por parte da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, de uma poderosa frota.

[...]

Os primeiros dos nossos que penetraram na cidade encontraram as casas abertas e vazias, as mesas postas por toda parte e bem providas com comidas e bebidas, tendo todos os habitantes abandonado-as e fugido. Em seguida, como estivessem completamente senhores da praça, os nossos arvoraram imediatamente as suas bandeiras nos fortes, e desfraldaram-nas pelas janelas do Convento dos Jesuítas, para que nós nos navios soubéssemos que a praça tinha sido conquistada.

Esta invasão foi terrível para a população de Olinda da época e, particularmente, para o “orgulho” e a “ vaidade” dos pernambucanos, principalmente para seu *narcisismo*, o que implica em investimentos dirigidos para sua auto-imagem e auto-estima, pois os holandeses não só invadiram como ocuparam seu território.

Pela dificuldade de estabelecer a defesa da cidade, os holandeses elegeram Recife para a nova sede da Capitania, permanecendo em Pernambuco por 24 anos. Temos a descrição detalhada da destruição de Olinda, no diário de bordo do soldado Ambrósio Richshoffer,<sup>32</sup> que participou da esquadra holandesa invasora:

A 17 começou-se a demolição dos edifícios da cidade de Olinda de Pernambuco, transportando-se mais tarde para o Povo o material aproveitável. A 24 a nossa gente que ali se achava retirou-se para a aldeia Povo ou Recife, destruindo antes tudo o que foi possível e pondo fogo à cidade em diversos pontos. Esta resolução foi motivada pelo fato de ser a cidade toda montanhosa e desigualmente edificada, sendo difícil de fortificar e exigir uma forte guarnição, que podíamos empregar melhor aqui e em outros pontos.

<sup>31</sup> BAERS, 1978, p. 39; 76-77.

<sup>32</sup> RICHSHOFFER, Ambrósio. *Diário de um soldado: (1629-1632) Recife*: CEPE, 2004. p. 129.

O detalhe da bandeira holandesa fincada em território pernambucano é simbólico da grande perda vivida pelos moradores desta região. Também é possível ver como foi esta destruição de Olinda, pela ótica dos colonizadores, no relato de Diogo Lopes Santiago,<sup>33</sup> português que residia em Pernambuco na época da invasão, que assim descreve este feito:

Em dia de Santa Catarina, 25 de novembro de 1631, pondo-lhe fogo por todas as partes, que foi um miserando espetáculo; assim ardeu a infeliz vila d'Olinda tão afamada por suas riquezas e nobres edifícios, arderam seus templos tão famosos, e casas que custaram tantos mil cruzados em se fazerem, sem ter lástima o desumano holandês de pôr fogo a tão grandiosa vila, que ficando em pé e intacta, servia de memória sua em a haverem ganhado: tanto que puseram o fogo foram todos marchando para o Recife.

O autor destaca ainda o que restou do incêndio de Olinda: “Todas as casas pereceram exceto uma térrea que ficou intacta, como por testemunha deste incêndio.”<sup>34</sup> Não há, entretanto, uma descrição precisa de quantas casas ruíram e quantas restaram do incêndio de Olinda. Também Gaspar Barléu<sup>35</sup> faz referência a este momento, ao descrever: “Transportou cada um para Recife os restos e os entulhos vendíveis da cidade demolida, aproveitando os materiais em novas edificações para que, desaparecendo a mãe – Olinda –, lhe sobrevivesse das ruínas, embora com outro aspecto, a sua filha – *Mauriciópolis* [...]”

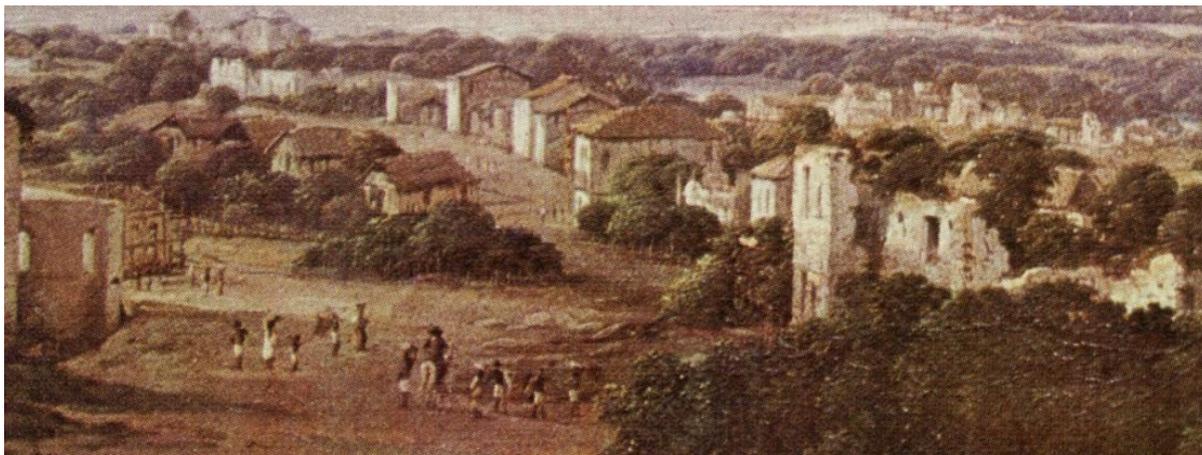
O que nos chegou pela iconografia existente a respeito do tema mostra Olinda com algumas casas em ruínas e ainda muita vegetação. Interessante notar que havia muitos espaços vazios entre seu casario. O autor da ilustração também nos apresenta alguns habitantes da região:

---

<sup>33</sup> SANTIAGO, 2004, p. 49.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>35</sup> BARLÉU, Gaspar . *O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau: história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras parte sob governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc. ora governador de Wsel, Tenente-General de cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 154.



**Tela 1 – Trecho da tela *Grande Panorama de Olinda*<sup>36</sup>**

Já o historiador alemão Hermann Wätjen,<sup>37</sup> autor de importantes trabalhos sobre os holandeses e o comércio do açúcar no Brasil Colônia, destaca como era a cidade e a população na época da invasão:

Olinda, capital da Capitania de Pernambuco, situada a borda do mar, sobre uma colina coberta de palmeiras, deve ter sido nesse tempo um lugar bem florescente. Johannes de Laet avalia o número de seus habitantes no ano 1630 de 2.000. Brito Freyre fala mesmo em 3.000, entre os quais se deviam contar cerca de 200 comerciantes abastados.

O engenheiro e geógrafo pernambucano Fernando Novaes<sup>38</sup> descreve em seus estudos como era Olinda na época da invasão holandesa, baseado na descrição feita pelo capelão batavo João Baers, que fez um levantamento da vila na época da invasão holandesa.

A primitiva Olinda existente por ocasião do incêndio que lhe atearam os holandeses, destruindo-a quase ou totalmente (em 24 de novembro de 1631), pode ser assim descrita, numa reconstituição que nos permitem os elementos históricos que chegaram até nós: No alto ficava o Paço do Governador e a igreja do Salvador (Sé). De lá descia a rua Nova, depois do Paço (hoje Azeredo Coutinho). Entre o Carmo e os Quatros Cantos a rua da Serralheira, com uma travessa indo para a rua de São Pedro; a rua do Salvador, depois do Coelho (entre São Pedro e os Quatros Cantos); a do Rocha; a do Banes; a de São Pedro; a de Santo Antonio; e da Ponte; a da Conceição; a de Janianes (depois do Bonfim); a da Biquinha (do Varadouro a São Pedro); a da Direita; a do Palhais; a do Carapina e a da Figueira.

<sup>36</sup> De autoria do holandês Franz Post. Pintura de Olinda feita após sua destruição. A imagem mostra as construções existentes na cidade, as ladeiras, o casario e a vegetação. Em destaque, no primeiro plano, as casas em ruínas. Acervo do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro. Fonte: PINA, 2006, p. 68.

<sup>37</sup> WÄTJEN, 2004, p. 100.

<sup>38</sup> NOVAES, 1990, p. 22.

O período de ocupação holandesa foi dos mais estudados na História do Brasil. As pesquisas mais recentes foram decisivas, principalmente com os estudos realizados nos Arquivos de Portugal, Holanda, Espanha, Inglaterra e Brasil, que geraram ampla documentação. Vale ressaltar neste período de domínio holandês na região, a figura do governador, o Conde João Maurício de Nassau-Siege (1637-1644), a importância de sua participação para o desenvolvimento da cidade de Recife e as consequências deste período para o declínio da cidade de Olinda. Tratava-se de um membro de família aristocrática, um nobre da Casa de Orange, com formação militar e intelectual, que assumiu a direção do Governo em Pernambuco e seu domínio se estendeu por toda a região nordeste do país.<sup>39</sup>

É interessante destacar que ele se fez acompanhar em sua comitiva não só de militares, mas também de cientistas, médicos e artistas, fato inédito nestas novas terras, o que permitiu um grande desenvolvimento para a região e que fossem realizados na época estudos sobre ela. Hoje as raras reproduções de que se dispõe sobre essa região brasileira, o povo e os costumes daqueles que habitavam a colônia datam desse período.<sup>40</sup>

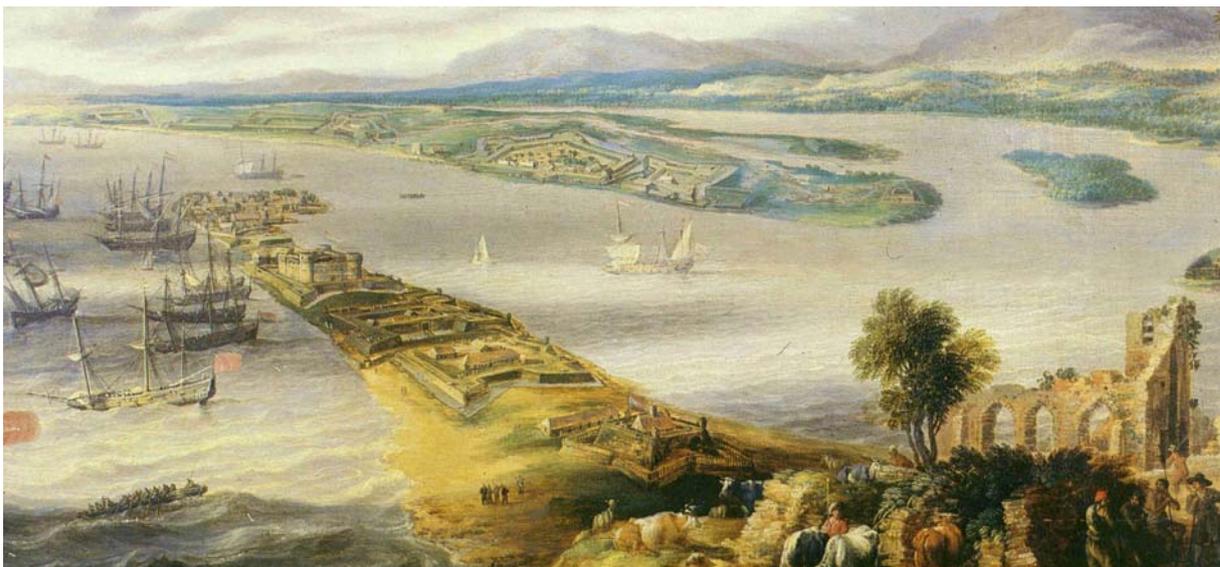
Com Nassau vieram Frans Post, Albert Eckhout, Georg Marcgrave, Zacharias Wagener, Willem Piso entre outros, responsáveis por um precioso legado pictórico. Através da arte, estes artistas possibilitaram que estas imagens e descrições chegassem até nós. São as mais antigas representações plásticas de Olinda que nos permitem perceber os vários estágios da ocupação da cidade. Assim, a importância da região de Olinda é revelada no tempo por esta iconografia, na qual são mostrados os acidentes geográficos da região: baías, rios, colinas, praias e o istmo. As imagens permitem-nos observar também as habitações, as aldeias, paliçadas e fortalezas. Outros aspectos documentados pelos holandeses foram a vegetação, a fauna, os tipos humanos que habitavam a região e os meios de transportes usados na época.

Ao escolher Recife para sua sede, por achar que Olinda, por suas características topológicas, era mais difícil para defesa e fortificação, Nassau optou por se instalar na região próxima ao porto. Destacamos ainda o fato de Recife ser cortada por rios e à beira-mar, muito mais próxima das características das terras e cidades holandesas.

---

<sup>39</sup> MELLO, J., 2004a.

<sup>40</sup> GALINDO, Marcos. Eckhout etnógrafo: a missão holandesa de Nassau foi uma expressão tardia do Renascimento nos Países Baixos. Coube a ela registrar a excentricidade do Novo Mundo com uma maior riqueza de detalhes. *Revista Continente-Multicultura*, Recife, Ano II, n. 21, p. 20-22, 2002.



**Tela 2 – Representação pictórica de Olinda e Recife<sup>41</sup>**



**Tela 3 – Palácio de Nassau em Recife<sup>42</sup>**

<sup>41</sup> Aparecem as fortificações no istmo que liga Olinda a Recife, já desaparecidas, e em Recife o Forte das Cinco Pontas, preservado até a atualidade. Apresenta ainda as embarcações usadas pelos portugueses e holandeses. Em primeiro plano, representação da região, rios, ilhas, população, vegetação e animais. Autor: Gillis Peeters, séc. XVII. Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Olinda.

<sup>42</sup> Óleo sobre tela. Onde foi sua residência e fortaleza. Imagem do Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano. Fonte: TEIXEIRA METO, 2004, p. 95.

## 4.2 OLINDA PERDE O PODER PARA RECIFE

Recife era apenas o porto de Olinda, mas a escolha do local pelos holandeses se deveu ao fato de que acharam mais fácil dotar o porto de fortificações e assim ser mais fácil sua defesa frente aos ataques das tropas luso-brasileiras. A escolha foi estratégica e o historiador Hermann Wätjen<sup>43</sup> descreve Recife na época:

Servia-lhe de porto a localidade de Recife que, situada na extremidade de um delgado istmo, estendido em direção sul, possuía um ancoradouro admiravelmente protegido, de construção da própria natureza. Os portugueses davam-lhe o nome de “Povo” ou Povoação do Recife.

Por ter gosto apurado, Nassau, ao escolher Recife para sede de seu governo, construiu nela fortificações para a defesa, mas também edificou palácios, prédios, horto, pontes e cuidou de dar à cidade alguma organização e melhorias. É, por isto, visto como um grande estadista, a ponto de haver uma idealização da figura de Maurício de Nassau, para os pernambucanos, o que é confirmado por Evaldo Mello,<sup>44</sup> historiador e especialista em História de Pernambuco, que afirma: “Ele destoou do restante dos holandeses. Era um homem que tinha uma formação humanística profunda, um sujeito muito inteligente [...] Pragmático. Mas de boa formação intelectual.” O autor defende ainda a idéia de que Nassau possuía tino comercial e vinha de um país capitalista, completamente diferente da formação dos portugueses colonizadores.

Restou no imaginário dos recifenses, porém, a figura de Nassau, segundo Evaldo Mello,<sup>45</sup> como simpática, mostrando com isso um lado poético nesta idealização. O que nos faz comparar com a figura do donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, já descrita, também idealizada pelos olindenses, sendo apontado como um grande patriarca da cidade de Olinda. Apresentamos a seguir a visão Nassau por alguns historiadores estudiosos do tema:

[...] um exemplo clássico do humanista de espírito renascentista, nascido de uma das mais nobres casas reais daquela parte da Europa, que, associada aos burgueses protestantes, havia, no século 17, livrado a Holanda do jugo espanhol para transformá-la numa potência marítima. Ao contrário da Companhia das Índias, o conde Maurício nutria interesses de mecenato.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> WÄTJEN, 2004, p. 101.

<sup>44</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. Eles se detestavam. Entrevista concedida a Mário Hélio. *Continente-Multicultural*, CEPE, Recife, ano II, n.21, p. 13-18, 2002. p. 15.

<sup>45</sup> MELLO, J., 2004a.

<sup>46</sup> GALINDO, 2002, p. 20.

Homem carismático, cuja passagem pelo Brasil holandês, notadamente no Recife, deixou marcas indelévels, tanto no aspecto físico da cidade, quanto no imaginário popular, misturando aqui e acolá, história com ficção. Como costuma acontecer com os grandes vultos da humanidade.<sup>47</sup>

O grande mérito nassoviano foi o de saber distinguir as coisas. Embora ainda em guerra, jamais deixou de tomar medidas administrativas acertadas, visando a tornar o Recife uma das cidades mais importante da costa atlântica americana no século XVII.<sup>48</sup>

Foram 14 anos de confrontos durante a permanência do príncipe holandês, o nobre Maurício de Nassau, no comando das terras invadidas, de 1637 a 1644, quando retornou para a Holanda. Encontramos na literatura especializada muito destaque para este período de sua administração, porque Pernambuco experimentou um novo ciclo de desenvolvimento econômico, após a fase de grande destruição dos engenhos, incêndios dos canaviais, invasões e depredação das fazendas, decorrentes das batalhas travadas entre os luso-brasileiros e os holandeses quando da ocupação. A consequência disso foi a queda na produção do açúcar, principal riqueza da terra.

O abalo na economia provocado pelas guerras da ocupação fez com que Maurício de Nassau tratasse de recuperar a produção agro-açucareira, principal motivo da nova conquista. Para isto, confiscou todos os engenhos que estavam de fogo morto, levou a leilão e com isso conseguiu atrair os antigos proprietários que tinham deixado a região, para que retornassem à terra e colocassem novamente os engenhos em ponto de moer a cana. Conseguiu trazer de volta os portugueses, antigos proprietários, e atraiu novos. Aos poucos, a produção de açúcar voltou a se efetivar. Importante destacar que os holandeses não se dedicaram à produção do açúcar, deixando isto para os portugueses e seus descendentes, perdendo assim um grande espaço no controle da colônia.<sup>49</sup>

É evidente que após a invasão dos holandeses e seu desfecho, com a expulsão em 1654, Olinda já não centralizava o poder e começava sua longa queda e período de declínio. Os seus ciclos históricos de poder e perdas, como vimos destacado nos depoimentos de Alexandre Alves Dias e André Renato Pina Moreira, se contrapunham ao grande desenvolvimento do Recife, fruto da administração holandesa. Como nos aponta o historiador pernambucano Evaldo Mello,<sup>50</sup> “Recife ao invés da vila duartina, serviu de centro governamental e comercial, não de residência da açucarocracia”.

<sup>47</sup> LEROY, Ernest. Apresentação. In: ARLÉGO, Edvaldo. *Nassau, o homem e o mito*. Recife: Edificantes, 2004. (Orelha do livro).

<sup>48</sup> ARLÉGO, Edvaldo. *Nassau, o homem e o mito*. Recife: ed. Edificantes, 2004. p. 37.

<sup>49</sup> MELLO, José Antônio Gonalves de. *A economia açucareira*. Recife: CEPE, 2004b.

<sup>50</sup> MELLO, E., 2001, p. 25.

A escolha de Recife pelos holandeses iniciou um ciclo de queda para Olinda. A longa guerra do período holandês levou a grande destruição dos engenhos de açúcar e a devastação de toda a capitania, promovida tanto pelos portugueses como pelos holandeses em lutas ferozes. Foi necessário grande esforço de comando do governador Maurício de Nassau para que houvesse um retorno financeiro de que necessitava, para a remessa de lucros para a Companhia das Índias Ocidentais, advindo da produção e comercialização do açúcar na região. Afinal, este era o objetivo da invasão e da tomada das novas terras pelos batavos.

O tempo de ocupação holandesa foi dividido em duas etapas pelos historiadores: o chamado período de resistência, que se situa entre os anos de 1630 a 1637, com sucessivos confrontos armados dos dois lados; e o período chamado de “Restauração Pernambucana”, quando a Coroa portuguesa retomou seu poder sobre a colônia, durante os anos 1645 a 1654, quando se deu a expulsão definitiva dos holandeses.

Houve resistência à invasão durante todo o período da ocupação, tendo inicialmente à frente Matias de Albuquerque Coelho, neto de Duarte Coelho, considerado o primeiro general brasileiro, e depois João Fernandes Vieira, que utilizaram da técnica de ataques surpresa, tipo guerrilhas, desconhecida pelas tropas holandesas. A superioridade numérica e o poderio militar holandês, evidenciados pela pesada artilharia que apresentavam e pelos milhares de soldados desembarcados quando da invasão, não permitiram aos defensores de Pernambuco fazer frente à chegada do inimigo e impedir sua ocupação.

A reação à invasão foi contínua. O relato do soldado participante das tropas holandesas, Ambrósio Richshoffer,<sup>51</sup> permite-nos perceber a reação oferecida pela colônia e a dimensão da batalha travada com os invasores: “[...] do nosso lado perdemos 500 homens, e dois navios — o do general chamado *Prins Willem e Provintie van Uytrecht*, que foram consumidos pelas chamas.”

A população de Pernambuco, nesta época, já excedia a 30.000 habitantes e a de Olinda estava em torno de 3.500 moradores. Em um só dia toda a cidade ruiu e foi posto abaixo todo o empenho dos colonizadores portugueses de erguer a sede da mais rica das capitanias do Brasil. A invasão dos holandeses foi para Olinda não apenas a perda do território, mas uma grande mancha em sua história, um trauma em sua memória pela perda do poder centralizador de toda a região e uma *ferida narcísica* para o orgulho dos olindenses.

Recife conheceu grande incremento do comércio e de seu porto no período sob o comando do Conde Maurício de Nassau. Voltamos à observação do estudioso do período do

---

<sup>51</sup> RICHSHOFFER, 2004, p. 126.

domínio holandês em Pernambuco, o historiador pernambucano Evaldo Mello, que assim destaca em entrevista concedida e em texto de sua autoria, respectivamente:

O curioso do período holandês é que quando os franceses chegaram ao Rio e ao Maranhão, ocuparam uma região que não tinha nenhuma presença portuguesa: a presença era puramente indígena. Mas com os holandeses foi diferente. Eles chegaram a uma região que já estava praticamente há cem anos ocupada, próspera e colonizada pelos portugueses.<sup>52</sup>

As guerras holandesas foram inegavelmente guerras do açúcar, pelo controle das suas fontes de produção, de guerras sustentadas pelo açúcar, ou antes, pelo sistema econômico e social que se desenvolvera no Nordeste com o fim de produzi-lo e exportá-lo para o mercado europeu.<sup>53</sup>

A reconstrução de Olinda se efetivou com grande sacrifício, sendo concluída apenas em 1664. Estava destruída; transformara-se em um amontoado de pedras. Em 1637, a Câmara de Olinda solicitou permissão ao Conde de Nassau para se reerguer e reconstruir a cidade. No entanto, em 1639, a Câmara foi transferida de Olinda para Recife, representando novo golpe para a cidade, que ia aos poucos sendo reerguida. Entretanto, mesmo com sua elevação à condição de cidade e com a restauração que de alguma forma lhe compensara, Olinda não voltaria mais a ter seu antigo poder.

Recife assumiu a hegemonia do poder, porque a riqueza e poderio de Olinda estavam ligados à produção do açúcar e centrados na aristocracia, dona dos engenhos. O açúcar sofria uma grande crise econômica mundial, com a queda dos preços do produto, motivada pela concorrência das Antilhas, que passou a produzir o açúcar, em decorrência da destruição dos engenhos no Brasil pelas batalhas contra os holandeses, representando uma grande baixa para os exportadores brasileiros, com séria repercussão na economia de Olinda.<sup>54</sup>

O povoado do Recife cresceu sob o comando dos holandeses e teve uma evolução marcada pela administração do Conde Maurício de Nassau. Teve início então uma disputa de poder entre Olinda, onde residiam os nobres e antigos proprietários de engenhos de açúcar, e Recife, com os comerciantes, banqueiros e financiadores da produção de açúcar, os cristãos novos. Essa questão será tratada adiante, quando focalizarmos a Guerra dos Mascates.

Já em 1645, com o retorno de Nassau para a Europa, teve início um movimento conhecido como “Insurreição Pernambucana” e algumas batalhas se sucederam, sendo as mais célebres as dos Guararapes em 1649 e 1653, até a capitulação final da Campina do

<sup>52</sup> MÁRIO, Hélio. Eles se detestavam. Entrevista com Evaldo Cabral de Mello. *Revista Continente – Documento*, Recife, Ano II, n. 21, p. 13-17, set. 2002. p. 16.

<sup>53</sup> MELLO, E., 1975, p. 12.

<sup>54</sup> GUERRA, 1992, p. 67.

Taborda, em 1654. O historiador pernambucano Evaldo Mello<sup>55</sup> destaca ainda como foi feito o trabalho de resistência ao invasor e a organização das tropas pelos luso-pernambucanos, os habitantes das novas terras:

A resistência aos holandeses foi feita com tropas de portugueses, castelhanos e italianos, com participação marginal de contingentes da terra, a partir de 1631. Durante a restauração, ao contrário, a chamada “infantaria natural” que reunia os terços de gente livre, índios e negros de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba correspondem permanentemente a cerca de 2/3 do total dos efetivos luso-brasileiros.

Matias de Albuquerque era da terra e foi um dos principais comandantes militares das batalhas, destaca o autor citado. Na restauração, as tropas e os comandantes eram majoritariamente compostos de luso-brasileiros. A defesa do território possibilitou não apenas o início de um movimento e do sentimento de natividade brasileira como também o nascimento da própria identidade nacional.

A retomada do território, pelos portugueses e brasileiros, foi acontecendo em etapas. Entretanto, mesmo com sua elevação à condição de cidade e a restauração que de alguma forma lhe compensara, Recife assumiu a hegemonia do poder, porque a riqueza e o poderio de Olinda estavam ligados à produção do açúcar e representados pela aristocracia, dona dos engenhos de açúcar.

Mesmo com a retomada do território brasileiro para os portugueses, como ficou o *orgulho* dos luso-brasileiros que conseguiram com seus próprios meios a expulsão definitiva dos holandeses da capitania? Eles que, no entender de Evaldo Mello,<sup>56</sup> eram merecedores de reconhecimento da Coroa: “[...] já que a restauração do Nordeste se fizera à custa do nosso sangue, vidas e fazendas.”

Para o autor citado, a segunda metade do século XVII foi um tempo de sofrimento, ressentimento e frustrações para os luso-brasileiros, por verem suas demandas não respondidas pela Coroa, já que não contaram com a ajuda de Portugal, de que tanto necessitaram para enfrentar os batavos, nem receberam o reconhecimento que esperavam após a expulsão definitiva, nem postos de destaques, indenizações, honrarias ou títulos, nem tiveram diminuição nos impostos e cargas fiscais. Em seu texto de 2001, *A Ferida de Narciso: Ensaio de História Regional*, o autor<sup>57</sup> aponta uma grande frustração da população frente à Coroa, pelas expectativas de reconhecimento que a vitória sobre os batavos trouxera para os combatentes e a certeza de receber benefícios da Coroa pela conquista, o que não se concretizou:

---

<sup>55</sup> MELLO, E., 1975, p. 14.

<sup>56</sup> Idem, 2001, p. 42.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 41; 44.

A Capitania que se reputava, mais que qualquer outra, o prolongamento de Portugal no Novo Mundo, e que, como tal, vangloriava-se de haver resistido durante um quarto de século à dominação estrangeira, tinha de julgar-se credora de um tratamento especial por parte da coroa lusitana. Quando a expectativa frustrou-se, ela rejeitou a metrópole, tanto intensa quanto outrora a adesão que sentira.

Para abordar o irremediável afastamento que se estabeleceu entre pernambucanos e portugueses nesse momento, Evaldo Mello<sup>58</sup> cita Capistrano de Abreu: “Havendo restaurado a terra pelo próprio esforço, os colonos já não poderiam aceitar da parte dos reinós, ‘a sua atitude de superioridade e proteção’, datando de então ‘a irreparável e irreprimível separação entre pernambucanos e portugueses’.”

Isto é destacado pelo historiador pernambucano Leonardo Dantas Silva, que abre sua introdução ao livro do alemão Hermann Wätjen, intitulado *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, demonstrando como foi a guerra contra os holandeses: “A luta pela expulsão holandesa é obra muito mais dos mazombos, brasileiros, brasis e negros, do que da força portuguesa. Foram os que se adaptaram ao Brasil e os que aqui nasceram que expulsaram o invasor holandês.”<sup>59</sup>

Coincide com a visão do historiador Flávio Guerra,<sup>60</sup> que destaca muito bem este período da conquista das terras, expulsão dos holandeses e a volta da produção do açúcar:

Mas estava de qualquer maneira caracterizada novamente a agroindústria pernambucana. Ainda trôpega, combatida dos males porque passara, mas evidente e futura. E Pernambuco tinha saído até mais *orgulhoso* e mais importante do jogo batavo, se insinuando como forte e capaz de se dirigir sem intervenção da coroa.

O tratamento especial esperado pelos mazombos não veio por parte de Portugal. Nada os luso-pernambucanos receberam em forma de tratamento dispensado por Portugal pela expulsão dos holandeses.

Em Pernambuco, a segunda metade de Seiscentos foi verdadeiramente o tempo do ressentimento. Num primeiro momento, as queixas contra a metrópole disseram respeito à questão das recompensas pelos serviços prestados na guerra holandesa. Havia-se esperado mundos e fundos da generosidade régia, que, aliás, não se absteria de alimentar essas falsas expectativas no propósito de animar o esforço bélico.<sup>61</sup>

<sup>58</sup> MELLO, E., 2001, p. 41.

<sup>59</sup> SILVA, Leonardo Dantas. Introdução. In: WATJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil*. Recife: CEPE, 2004b. p. xi-xxv. p. xii.

<sup>60</sup> GUERRA, 1992, p. 64, grifo nosso.

<sup>61</sup> MELLO, E., op. cit., p. 44.

Portanto foram muitos os anos que a região ficou sob o espectro da guerra, vivenciando muitas atrocidades, mortes, perdas, fome e destruição de vilas, fazendas, engenhos e propriedades. As experiências desta época deixaram marcas indeléveis e frustrações que são ainda lembradas e apontadas pela memória dos atuais olindenses, como vimos nos depoimentos acima.

Depois de 1654, a reconstrução de Olinda foi se dando lentamente. Ela também cresceu e se dirigiu para as partes mais baixas, próximas ao rio e a beira-mar. O Alto da Sé, que era o centro, foi posto em segundo plano, a ponto de a Câmara ter se mudado para a Ribeira. Em 16 de novembro de 1676, Olinda foi elevada pela Coroa Portuguesa à sede de Bispado e à categoria de cidade, último estágio de evolução dos núcleos urbanos, em terras subordinadas ao Rei. Neste momento foi criada sua Diocese. Mas isso não representou para Olinda a volta do poder.<sup>62</sup>

A cidade já tinha sido reerguida após o incêndio, à custa dos trabalhos dos pernambucanos, cujo término se deu após 10 anos da invasão, no ano de 1664, mas isso não foi suficiente para lhe restaurar o antigo poder. Recife cresceu economicamente e começou a disputa pelo poder com Olinda. Em 1709 foi criado o termo de Vila de Santo Antonio do Recife, ambas passando então à posição de vila. Este fato selou definitivamente o destino de Olinda, com a divisão administrativa entre as duas, já que Recife era um centro urbano criado e desenvolvido pelos holandeses.<sup>63</sup>

Olinda perdeu sua abrangência territorial com os termos de doação da Vila de Recife, cujo domínio anterior abrangia o que hoje pertence aos municípios de Recife, Paulista e parte de Igarassu, como nos mostra Leonardo Dantas Silva.<sup>64</sup> Após o período de guerra e da invasão, Olinda ficou em abandono e são vários os documentos que atestam o estado de pobreza e declínio que a cidade experimentou por um longo período. São as fases de decadência e perdas, apontadas nos depoimentos de Alexandre Alves Dias e André Renato Pina Moreira.

Sigmund Freud,<sup>65</sup> em 1919, no texto intitulado *Introdução a Psicanálise e as Neuroses de Guerra*, apresentou seus estudos sobre a guerra e suas conseqüências para o psiquismo humano. Denominou de “neurose de guerra”, os sintomas subjetivos que as experiências

---

<sup>62</sup> GUERRA, 1992.

<sup>63</sup> SILVA, Leonardo Dantas. O Recife, várias visões. In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: FUNDAJ; Massaangana; Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura. 1992. p. 9-25.

<sup>64</sup> *Ibidem*.

<sup>65</sup> FREUD, Sigmund. *Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974o. 1919. v. XVII.

psíquicas traumáticas trazem, não só para os soldados que estiveram nos campos de batalha, mas para toda a população que viveu os horrores da guerra. Mostrou como estas marcas permanecem nas lembranças das gerações que viveram a experiência das guerras e como isto é transmitido às gerações seguintes.

No caso de Olinda, chama a atenção o fato da invasão holandesa, depois de quatro séculos, ainda permanecer no imaginário de sua população e estar tão presente nas lembranças que os olindenses apresentam ainda hoje sobre sua cidade, como pudemos constatar nos depoimentos apresentados.

Evaldo Mello<sup>66</sup> destaca as palavras do francês Fernand Braudel, sobre o momento pós-guerra, as vivências de sofrimentos vividos pela população e os mais frequentes mecanismos de superação destes traumas e ainda a influência dos aspectos objetivos, como os econômicos, para a superação desses traumas, o que não ocorreu em relação a Olinda:

[...] observou com felicidade que nos períodos de expansão econômica todas as cicatrizes se fecham [...] Infelizmente a reconstrução do Nordeste açucareiro a partir de 1654, a cicatrização das feridas deixadas pelos anos de guerra far-se-ão na fase de retração da economia européia, de queda e estagnação do preço do açúcar, de concorrência crescente no seu comércio, de progressiva subordinação da economia do Reino à economia do norte da Europa, e, particularmente da Inglaterra, e de aguçamento do conflito entre produtor mazombo e comerciante reinol.

Estas palavras nos revelam que não houve a possibilidade das feridas das guerras vividas pelos luso-pernambucanos terem sido cicatrizadas após a expulsão dos holandeses do território brasileiro, em função do momento da retomada da capitania ter sido de grandes dificuldades financeiras para a região, o que impossibilitou que os luso-brasileiros pudessem reconstruir seu território, recompensar as perdas e receber o reconhecimento da Coroa pelos anos de combate.

Esta questão foi destacada pela visitante inglesa, Maria Graham, que esteve em Pernambuco entre 1821 e 1823, em seu livro *Diário de uma Viagem ao Brasil*:<sup>67</sup>

Por seus próprios sacrifícios, sem qualquer auxílio do governo, havia expulsado estes conquistadores e restituído à Coroa a parte norte de seu mais rico domínio. Estava, portanto, inclinado a ser particularmente *invejoso* das províncias do sul, especialmente do Rio, que considerava mais favorecida. Estava aborrecido com os pagamentos das taxas e contribuições, das quais nunca se havia beneficiado e que só serviam para enriquecer os favoritos da corte, enquanto grassavam enormes abusos.

<sup>66</sup> MELLO, E., 1975, p.12-13.

<sup>67</sup> GRAHAM, 1990, p. 82-83, grifo nosso.

Entendemos que as *feridas emocionais* podem ser entendidas também como mais uma *ferida narcísica*, trazida pela devastação da guerra, que não pôde ser cicatrizada. Os traumatismos impostos pela guerra à população que a vivenciou permaneceram fortemente na memória dos pernambucanos e na dos olindenses em particular e foram repassados pelas sucessivas gerações, o que nos mostram muito claramente os depoimentos apresentados, em que as representações se mantêm no imaginário dos olindenses, não obstante os fatos terem ocorrido há tantos séculos. Podemos perguntar: por que ficaram vivas as lembranças deste período longínquo da História de Olinda nas rememorações de seus atuais moradores? Por que exatamente o período da invasão holandesa? O que permaneceu vivo é o que nos chega pelos relatos orais, transmitidos de geração a geração, pelos documentos oficiais, crônicas, cartas e relatos ao lado da iconografia — as imagens são testemunhos que permanecem no imaginário da população.

#### 4.3 OLINDA NA VISÃO DOS VIAJANTES: SÉCULOS XVII, XVIII E XIX

Os documentos e os textos publicados permitem aos olindenses entrar em contato com a história de seu povo. O olindense de hoje vê Olinda através dos relatos contidos nestes textos e repassados pelas gerações. Podemos também perceber a história de Olinda e de seu povo nas cartas, documentos e relatos dos cronistas e viajantes que estiveram em viagem pelo Brasil. E também nos mapas, pinturas e ilustrações que documentaram como as terras foram percebidas na época. O passado, entretanto, só pode ser visto pelos olhos dos que o vivenciaram e pelos rastros que deixaram. São, portanto, os homens que viveram as experiências que nos transmitiram suas informações e emoções sentidas sobre elas. Isto permanece vivo. É a História viva. No caso de Olinda, é a Memória viva da cidade.

Podemos dividir a história de Olinda em duas partes: antes e depois da invasão holandesa. A cidade havia experimentado um período de luxo e outro de destruição. Por conta da riqueza advinda da venda do açúcar, era o fausto, com prataria e festas, o que revela o desejo de reproduzir, na colônia, o luxo da nobreza e da corte portuguesa, como vimos acima. Os donos de engenhos, comerciantes portugueses, homens abastados que representavam a aristocracia açucareira, construíram verdadeiras fortunas e a vida na Vila corria com grande ostentação. São reveladores da pujança econômica da colônia a opulência das construções dos mosteiros, igrejas e conventos de Olinda, financiadas pela produção açucareira. Os grandiosos

conjuntos de arte religiosa, de estilo barroco, permaneceram como testemunhas desta fase de Olinda até os dias atuais.

Os viajantes que visitaram Olinda estão de acordo quando descrevem a beleza das colinas, da visão do mar e de sua exuberante vegetação, como um belíssimo cenário. Um circunspecto naturalista alemão, o professor Konrad Guenther, que por uma temporada foi hóspede do Mosteiro de São Bento, em seus escritos descrevia a beleza do mar de Olinda, poeticamente, semelhante a uma pedra preciosa multifacetada: “O mar muda de colorido conforme os reflexos da luz: uma orla violeta debrua o horizonte, listas da mesma cor riscam o espelho verde, aqui cintilações rubras, ali azuis — parece que todas as cores do arco-íris se derramam sobre o horizonte.”<sup>68</sup>

Mas, com a vida social intensa que a vila vivenciara, como principal vila da colônia e sede do governo, Olinda, com seus quase quatro mil habitantes, teve um passado grandioso de principal vila da Capitania de Pernambuco. Reunia a elite do poder da Colônia, as autoridades maiores da região: o governador, o bispo, os militares. Olinda sediava o palácio dos Governadores e o Palácio Episcopal, símbolos do poder da Colônia. Com sua destruição, os moradores mais ricos a abandonaram, refugiaram-se nos engenhos ou mudaram-se para o Recife. A vida social e econômica em Olinda também se ressentiu de todo este estado de decadência, mesmo após sua reconstrução. A posição de Olinda em relação aos destinos da região de Pernambuco modificou-se totalmente e a cidade não retornou mais ao lugar de centro do poder, que conheceu no período colonial. A historiadora pernambucana Rita de Cássia Araújo<sup>69</sup> assim retrata Olinda e suas perdas: “Olinda. Passado o primeiro século de ocupação, conquista, glórias, fausto e poder, se viu marcada por uma história feita de perdas, predominantemente. Perdas territoriais, políticas, econômicas e sociais, culturais e religiosas, acumuladas ao longo de séculos.”

A foto que apresentamos mostra como era Olinda em 1855 e nos dá a visão da cidade na época, com poucas casas e muita vegetação, nos terrenos ainda desocupados.

---

<sup>68</sup> GUENTHER, Konrad. *Das Antiliz Brasiliens*. Leipzig: [s.n.], 1927. Apud SILVA, Leonardo Dantas. Olinda no tempo do inquisidor. *Revista Continente - Documento*, Olinda, Ano IV, n. 42, p. 10-13, 2006. p. 11.

<sup>69</sup> ARAÚJO, 2007, p. 229.



**Fotografia 24 – Olinda vista do Alto da Sé<sup>70</sup>**

O que nos ficou desses relatos que nos chegaram pelo olhar dos viajantes estrangeiros? Graças aos registros de viagem que fizeram, nos vários depoimentos que o descreveram, podemos constatar o estado de decadência da cidade de Olinda. Eles estiveram no Brasil durante os séculos XVII, XVIII e início do século XIX, após a abertura dos portos às nações amigas.<sup>71</sup> Foi, portanto, longo o período que Olinda vivenciou seu declínio.

Iniciamos os relatos dos viajantes com Joan Nieuhof,<sup>72</sup> comerciante e cronista holandês, que aqui esteve em 1640 e descreveu suas percepções sobre as ruínas de Olinda no texto intitulado *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*:

A pequena distância do Recife, ou Cidade Maurícia, em direção ao norte, encontram-se as *ruínas* da cidade de Olinda, outrora famosa sob o domínio

<sup>70</sup> Ao centro a Igreja de São Pedro e ao fundo o Mosteiro de São Bento. Destacam-se, à esquerda, as áreas ainda pouco habitadas da cidade. Em primeiro plano a ladeira da Sé. Fonte: Coleção Augusto Stall, 1855. Acervo do Arquivo Público Municipal Antonino Guimarães, Olinda, Pe.

<sup>71</sup> Isso foi feito pelo Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, quando de sua vinda com a Corte portuguesa para o Brasil, em 1808.

<sup>72</sup> NIEUHOF, Joan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1942, (Biblioteca Histórica Brasileira. v. IX). p. 52.

português, pois era por aí que o Brasil exportava para a Europa toda a sua produção. A melhor parte da cidade assentava-se sobre diversas colinas [...] Não somente poucos portugueses embarcaram para o Brasil, pelos motivos citados, a saber, por paixão e cobiça das riquezas das Índias Orientais, como também é um fato que somente há poucos anos alguns portugueses de certa importância nela fixaram residência; de modo que ao tempo em que tomamos a cidade de Olinda, no ano de 1630, ali estavam até os portugueses mais respeitáveis, com exceção de alguns, e outros que para aí tinham sido mandados, por causa de delitos cometidos.

Ressaltamos a concordância entre as várias visões dos estrangeiros moradores ou de passagem pela região, ao descreverem o estado da cidade de Olinda, numa detalhada observação, inclusive em relação ao estado das casas. Entre 1821 e 1823, a escritora inglesa Maria Graham, mulher do almirante da fragata Doris, o acompanhou em suas viagens e chegou a ter uma atuação ativa nos movimentos políticos. Era, desta forma, uma personalidade muito avançada para a época. Ela relatou em seus escritos, publicados em 1824 sob o título *Journal of a Voyage to Brasil, and Residence there, During Parts of the Years 1821, 1822 e 1823*, as impressões de sua viagem ao Brasil. Esses escritos são considerados muito importantes pelos historiadores, pelas descrições que apresentam da vida e dos hábitos na colônia. Maria Graham<sup>73</sup> descreve a forma de morar dos habitantes de Olinda e a decadência da cidade:

Fiquei surpreendida com a extrema beleza de Olinda, ou antes, *de seus restos*, porque agora está num *melancólico estado de ruína*. Todos os seus habitantes mais ricos há muito se estabeleceram na cidade baixa [no Recife] [...] O próprio colégio [Seminário] onde os jovens recebiam de algum modo educação, ainda que imperfeita, está quase *arruinado* e é raro encontrar de pé uma casa de qualquer tamanho. Olinda *jaz* sob pequenos morros.

Outro viajante, o comerciante francês, Louis François Tollenare,<sup>74</sup> em 1826, descreveu Olinda, como algo que também que estava à beira da morte:

Ao sopé dos oiteiros à beira mar, há alguns pescadores; mas na cidade não se vê indústria alguma; *ali tudo definha*. Sabe-se que Olinda tem o título de Cidade e é a verdadeira capital da capitania; mas é apenas um título faustoso e ilusório. Toda a atividade e autoridade social estão centradas no Recife, que tem apenas a denominação de vila.

Daniel P. Kidder nasceu em 1815 e faleceu em 1891. Pastor metodista norte-americano, deixou sua percepção dos contrastes que observou entre a paisagem do entorno de Olinda e o estado de total abandono no qual a cidade se encontrava, quando a visitou, em 1837:

<sup>73</sup> GRAHAM, 1990, p. 139, grifo nosso.

<sup>74</sup> TOLLENARE, 1956, p. 130, grifo nosso.

Vista à distância, Olinda atrai a atenção e a admiração de todos. Não se sabe o que mais admirar nessa cidade construída sobre a colina, se o casario alvacento, pontilhado de igrejas, ou se a folhagem luxuriante que se insinua entre as construções, dando, a quem observa de longe, a impressão de que os prédios plantados na encosta do morro estão meio enterrados na verdura [...] Metade das casas parece abandonada e as restantes estão em *miserável estado e abandono*, com todas as janelas quebradas dificilmente se observa em Olinda um prédio que dê a impressão de ser habitado por família caprichosa e de bom gosto ao contrário, janelas partidas, crianças despidas, numerosos botequins e toda a espécie de hábitos ociosos indicam [...] que os moradores da cidade, principalmente os do morro, eram da pior espécie possível.<sup>75</sup>

George Gardner, inglês, foi superintendente dos jardins botânicos reais do Ceilão e esteve em Salvador. Em sua passagem, narra a visita ao Nordeste e à cidade de Olinda, em 1837, deixando suas impressões, que são coincidentes com as descritas:

De tarde regressamos a Olinda [...] Após o jantar saímos a passeio pela cidade, que se acha muito favoravelmente situada em uma eminência, não longe do mar. É de tamanho considerável e deve ter sido em outros tempos grandemente movimentada, pelo menos quanto à atividade do clero, a julgar pelo número de igrejas, conventos, mosteiros e outras instituições. Hoje, porém, é de aspecto solitário e *deserto* com belas casas vazias e caindo em ruínas, ruas cobertas de gramas e ervas daninhas.<sup>76</sup>

José Bernardo Fernandes Gama,<sup>77</sup> português, descreve Olinda em estado de decrepitude, no período em que a visitou, nos anos 1842-1844, numa visão profética:

Olinda foi a antiga e opulentíssima Capital de Pernambuco: começou a *decair* em 1710, quando os mascates do Recife, ou mercadores Portugueses, naturais do país, subornaram o Governador Português Sebastião de Castro Caldas, e com sua proteção conseguiram chamar para o Recife todos os negócios públicos [...] desde então Olinda declina, de maneira que hoje está grandemente atrasada e com o andar dos tempos essa antiga Capital [...] não será mais do que um Bairro da Cidade do Recife.

Encontramos ainda, no depoimento de Robert Avé-Allemant,<sup>78</sup> médico alemão, em sua passagem pela cidade, em 1853, a seguinte descrição de Olinda, em que faz uma comparação com períodos anteriores, destacando também sua fase de riqueza:

Impressão inteiramente diferente me causou Olinda. Situada do pé ao topo de uma colina, outrora rainha e senhora dos mares, pérola soberba, pela qual se bateram Holanda e Portugal em lutas sangrentas, sede da teocracia católica, e, depois, da

<sup>75</sup> KIDDER, Daniel. *Reminiscência de viagem e permanências nas províncias do norte do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. p. 113-115.

<sup>76</sup> GARDNER, George. *Viagem no Brasil – Principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. (Brasiliiana Série 5ª v. 223). p. 78, grifo nosso.

<sup>77</sup> GAMA, José Bernardo. *Memórias históricas da província de Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1977. (cópia da edição de 1844). p. 44, grifo nosso.

<sup>78</sup> AVÉ-ALLEMANT, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 283-284, grifo nosso.

ciência jurídica, Olinda, que ainda ostenta, vista de muito longe do mar, suas igrejas e conventos, tornou-se um *cemitério*! Ruíram suas casas, estão vazias suas igrejas, sua Escola de Direito foi transferida para Pernambuco, nas suas ruas mais cresce o capim e pastam os cavalos.

Destacamos o depoimento do inglês Henry Koster,<sup>79</sup> que chegou ao Brasil em 1809, onde viveu muitos anos, morreu em 1816 e foi sepultado em Recife. Como pioneiro, percorreu e descreveu a desabitada região do Nordeste. Seu livro *Travels in Brazil*, feito no início século XIX, foi publicado em Londres, em 1816. Foi um dos mais importantes relatos, dentre os que chegaram à posteridade, por se tratar de um europeu que morou em Pernambuco por dezenas de anos, viajou pelos sertões e teve até seu nome “aportuguesado”, sendo conhecido como Henrique Costa. Suas impressões sobre Olinda foram assim descritas:

No último dia deste ano (31/12/1809), fui convidado a visitar Olinda e pude assistir à festa de Nossa Senhora do Monte. A cidade é situada no cimo de uma colina muito íngreme para o lado do mar e em declive gradual para a parte da terra. A primeira impressão quando se chega pelo mar é tão bonita que se experimenta um certo desapontamento, conhecendo-a de perto. Todavia possui Olinda grandes belezas e a vista é magnífica. As ruas são calçadas mas sem conservação. Muitas casas são pequenas, baixas e negligenciadas. Os jardins, pouco cultivados. Deixam essa cidade para residir no Recife. É a residência do bispo e a sede da Côrte eclesiástica, do Seminário, que é um colégio público de educação, alguns conventos e belas igrejas. Embora não tenha um ar de abandono, o aspecto geral é de tranqüilidade, regularidade, com um certo ar de *desolação*.<sup>80</sup>

Na visão de Henry Koster,<sup>81</sup> “A cidade de Olinda vivia imersa, em silêncio monástico, ruminando a *decomposição* de suas pedras centenárias.” A seguir, as descrições dos viajantes e destaque aos qualificativos escolhidos para descrevê-la, uma vez que Olinda era vista como ruína, decadência, desolação e abandono. As descrições de Olinda, pelos significantes usados, remetem à morte, à decomposição de uma forma radical. Vejamos o que diz Luís dos Santos Vilhena,<sup>82</sup> professor de grego que residiu em Salvador no final do século XVIII:

[...] onde hoje se vê o como que o *cadáver* da antiga Olinda, em uma lindíssima eminência donde a vista pela costa termina no cabo de santo Agostinho, e donde pela sua falda por dilatada planície se vê o rio Beberibe serpenteando de tal maneira por aquele ameníssimo vale, que é muito para dúvida, que todos os esforços de arte possam formar um quadro semelhante ao que ali pintou a Natureza.

Destacamos os significantes privilegiados que fomos encontrando nos textos dos nove cronistas escolhidos, em relação às perdas, e que, como predicativos, têm a função de

<sup>79</sup> KOSTER, Henry. *Viagem ao nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 45-46.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 399, grifo nosso.

<sup>82</sup> VILHENA, Luís. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Itapuã, 1969. p. 823, grifo nosso.

qualificar os nomes, portanto, qualificar Olinda. Chama a atenção a repetição de palavras que conotam a decadência, a decrepitude e a morte, em suas múltiplas formas, utilizadas nos relatos de pessoas distintas, que tiveram acesso a Olinda em épocas e situações diferentes, num período relativamente longo. Apresentamos, em destaque, os significantes encontrados nos textos apresentados: *decomposição; ruínas; desolação; miserável; abandono; deserto; cemitério; cadáver; melancólico; definha; decair; jaz.*

Na realidade, são muitas as perdas e destruição. Olinda morre? Seguindo o trabalho da historiadora Rita de Cássia Araújo,<sup>83</sup> essas são também palpáveis, no tocante a sua redução territorial. Eis como ela as descreve:

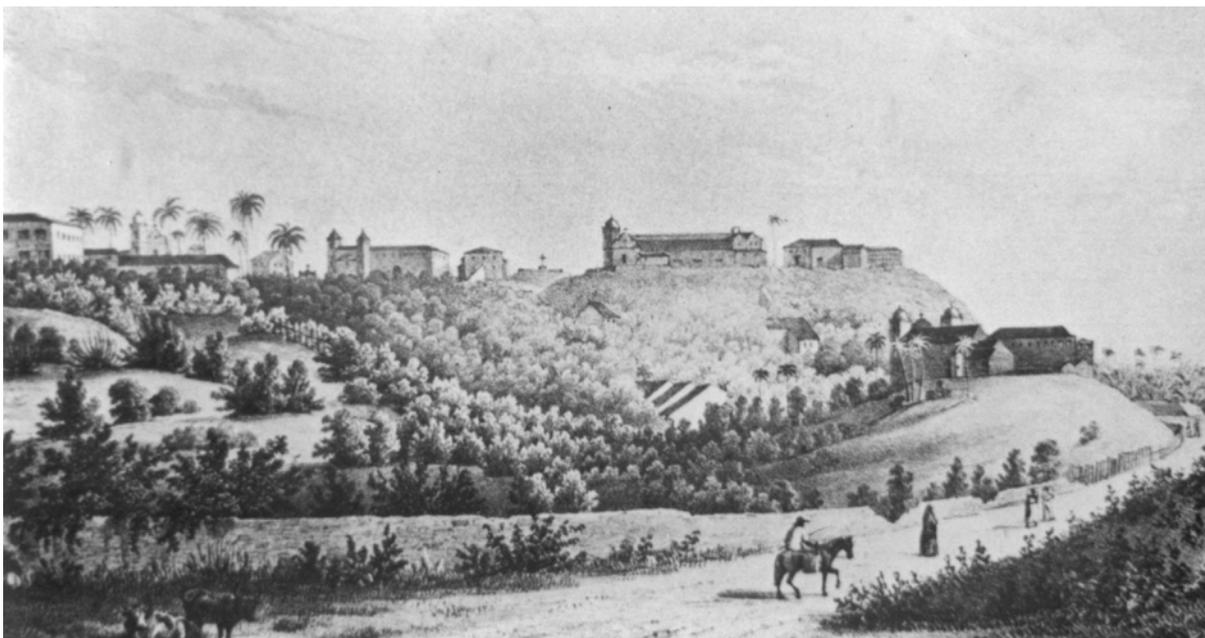
Em 1847, a extensão do município de Olinda achava-se bastante reduzida em relação ao que fora nos primeiros tempos da colonização. Perdas territoriais iniciadas com a criação da vila do Recife, por carta régia em 19 de novembro de 1709, que incorporou importantes povoações do Cabo e de Ipojuca à sua jurisdição. Em 1811, Olinda sofria novas perdas, ao serem criadas as vilas de Santo Antônio, Paudalho e Limoeiro.

O que podemos constatar a partir dos textos apresentados, é que a invasão e destruição impetrada pelos holandeses e a posterior mudança de sede da colônia para o Recife foi um golpe mortal, verdadeira expressão de Thanatos, o “instinto de morte”, que é tão claramente posto em evidência nas situações de guerra: morte simbólica de Olinda, enquanto representativa de um período de poder, riqueza e glórias, e que abalou profundamente sua história e sua memória, deixando marcas e cicatrizes que são ainda percebidas hoje. Essas imagens estão presentes em sua população, em seu imaginário e em seu inconsciente, circulam através de seus discursos e são veiculadas por sua memória coletiva, que atravessa as gerações, constituindo sua tradição oral, sua história contada e repetida durante séculos. Portanto um traço identitário do olindense.

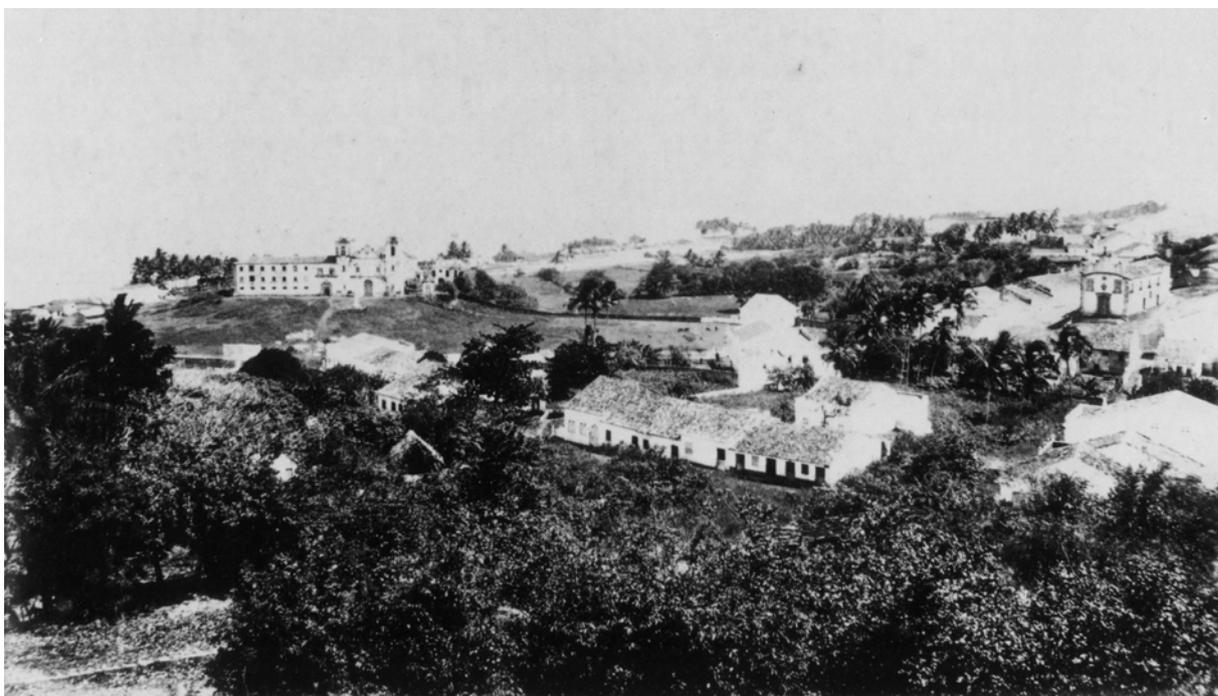
A seguir expomos imagens, das mais antigas de Olinda, no período de sua ocupação. Podemos observar como eram as primeiras construções, em destaque as igrejas edificadas no alto da colina, os espaços ainda inabitados e a presença da vegetação abundante. As ilustrações e fotos permitem que possamos recuar no tempo. Façamos esta viagem de volta a essa Olinda do século XVII.

---

<sup>83</sup> ARAÚJO, 2007, p. 240.



**Figura 10 – Olinda**<sup>84</sup>

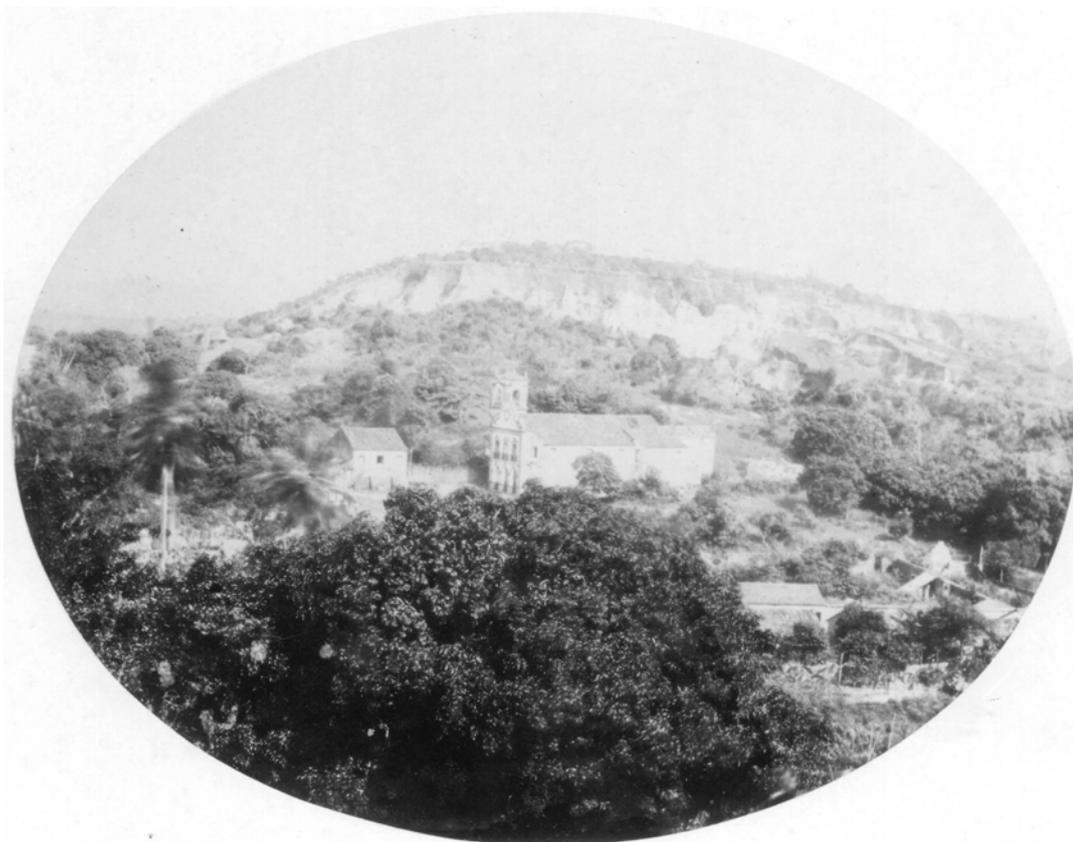


**Figura 11 – Vista de Olinda**<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> Olinda. Litogravura W. Bassler. Coleção Gilberto Ferrez. Fonte: FERREZ, 1984.

<sup>85</sup> Em primeiro plano, o casario na parte alta da cidade, hoje Rua do Bonfim; ao fundo, a igreja de N. Sa. do Carmo, construída em 1580, com o convento dos carmelitas, já desaparecido; à direita, a igreja de São Pedro. Fonte: Coleção Maurício Lamberg. Arquivo Público Municipal de Olinda, 1880.



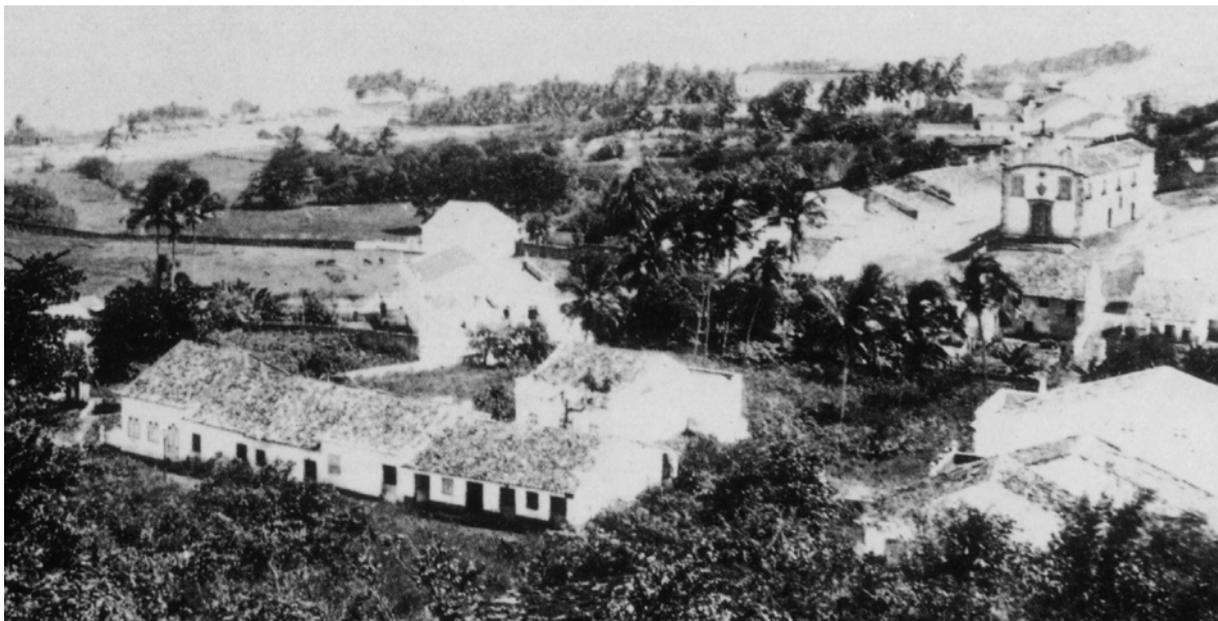
**Figura 12 – Igreja do Rosário<sup>86</sup>**



**Fotografia 25 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo<sup>87</sup>**

<sup>86</sup> Ao lado, casarão colonial da Travessa do Rosário, n.º. 91, ainda existente. Olinda tem abundante vegetação e poucas residências. Fonte: Coleção Augusto Stalh. 1855. Arquivo Público Municipal de Olinda.

<sup>87</sup> Localizada no Largo do Carmo, com visão lateral do mosteiro dos carmelitas, hoje inexistente. Fonte: Coleção Maurício Lamberg, 1880. Arquivo Público Municipal de Olinda.



**Fotografia 26 – Olinda, a igreja de São Pedro e o mar<sup>88</sup>**



**Fotografia 27 – Vista da igreja e do Mosteiro do Carmo<sup>89</sup>**

---

<sup>88</sup> Percebemos os espaços livres entre as residências e muita vegetação nesta vista do casario da parte alta de Olinda, em primeiro plano, da igreja de São Pedro ao fundo e do mar. Fonte: Coleção Mauricio Lamberg, 1880. Arquivo Público Municipal de Olinda.

<sup>89</sup> Visão de casarão colonial no largo do Carmo, onde hoje funciona a Biblioteca do Município. Olinda tem abundante vegetação e poucas residências, ao fundo a praia do Carmo e dos Milagres. Fotos de meados do século XIX. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



**Fotografia 28 – Casario na parte alta em Olinda<sup>90</sup>**

Veremos, no próximo capítulo, como a cidade de Olinda experimentou os novos ciclos de apogeu e declínio, como isto aconteceu, o que ficou gravado, dessa época, nas representações sociais através da memória dos olindenses, atuais habitantes desta cidade, e o que ficou documentado pela história.

Estes ciclos já foram destacados pelo depoente Alexandre Alves Dias, como fazendo parte da história de Olinda, que passa por “altos” e “baixos”. Em seu depoimento, estes ciclos estão ficando cada vez mais próximos um dos outros. O depoente André Renato Pina Moreira também destaca, em suas lembranças, essa particularidade da história de Olinda.

---

<sup>90</sup> Casario com seus sobrados, quintais, hortas e vegetação. Fonte: Coleção Augusto Stahl, 1855. Arquivo Público Municipal de Olinda.